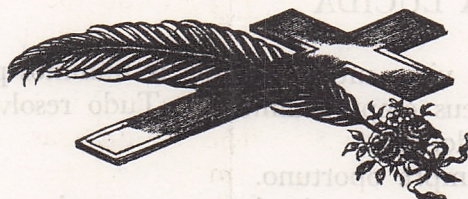


MISSÃO SALESIANA
DE FUILORO
TIMOR

Fuiloror, 29 de Dezembro de 1961



Caríssimos irmãos.

Cumpro o doloroso dever de vos anunciar o falecimento do Missionário Salesiano,

Rev. P.^o Joaquim Marques Marvão

que expirou no passado dia 27 de Dezembro em Díli (Timor Português).

Nasceu em Vila Nova de Tazem, concelho de Gouveia, distrito da Guarda (Portugal), a 27 de Outubro de 1927. Filho de Alfredo Pinto Marvão e de Maria do Patrocínio Marques.

Conheceu a Família Salesiana em Évora, em cujo Oratório de S. José frequentou as classes primárias.

Entrou no Aspirantado de Poiães da Régua em Outubro de 1939.

Fez o Noviciado em Mogofores, suportando corajosamente todas as provas da sua vida religiosa, que foi muito experimentada.

Feita a sua primeira profissão, a 8 de Dezembro de 1944, passou a cursar os estudos de filosofia no Estoril; estudos que acabou brilhantemente em 1945.

O seu tirocínio nas casas de Semide e Lisboa prolongou-se, dadas as exigências e escassez de pessoal daqueles duros anos, até 1951, em que começou a Teologia no Estoril.

Por necessidade e determinação dos Superiores Maiores, os nossos teólogos passaram a estudar no estrangeiro. O Padre Marvão fez o curso teológico em Carabanchel-Alto (Madrid-Espanha), onde ganhou simpatias e se evidenciou na música, deixando nos espanhóis saudades daqueles cantos portugueses, tão delicadamente interpretados pelo grupo de teólogos portugueses, que ele dirigia.

A sua Ordenação Sacerdotal foi a 1 de Julho de 1955 na Igreja do Santo Condestável, em Lisboa, e o Bispo oficiante foi Mons. Fernando Cento, hoje Cardeal da Basílica da Santa Cruz de Jerusalém, em Roma.

Destinado a Lisboa trabalhou zelosamente nas Oficinas de S. José como catequista.

Dado o seu desejo de ir para as Missões — diversas vezes mo confessou — foi destinado a Macau, onde trabalhou um ano com grande zelo, devendo, por motivos de saúde — o cancro já o minava, sem que ninguém se apercebesse da gravidade do mal — ser transferido para um clima mais sadio, como é o de Timor.

Ocupou o cargo de catequista em Díli, aonde chegou no dia 24-10-1958, e ali deixou a marca da sua caridade, iniciando, de acordo com os Superiores, a sopa diária ao meio-dia (prato de milho cozido) a todos aqueles que só podiam ter em casa uma refeição diária.

Em 28-10-1959 veio para Fuiloror como conselheiro.

Os gráficos e estatísticas revelam o seu trabalho admirável, que mereceu do

Ex.^{mo} Governador da Província: «*Não se podia fazer nem mais nem melhor*». Estas palavras que ficam escritas no livro de oiro da Missão, podiam servir-lhe de epitáfio.

A sua vida podia resumir-se assim: era uma *inteligência lúcida, uma alma bela e um grande coração*.

1. — INTELIGÊNCIA LÚCIDA

Via os problemas com visão nítida, atingia os mínimos pormenores, de forma que era bem sucedido em todos os seus empreendimentos. Tudo resolvia com rapidez e prudência. Fortiter in re, suaviter in modo.

O seu conselho era sempre oportuno.

Era uma luz que alumiaava e atraía: luz que se extingue aos 34 anos, quando tantas esperanças lhe sorriam.

De memória feliz, conseguiu aprender e dominar o espanhol, o francês, o inglês e o italiano. Na sua breve estadia em Macau, chegou a compreender bastante bem o Chinês. Em Timor tinha conseguido já uma certa familiaridade com o tétum e o fataluco.

Intuíu a virtude heróica de Fernando Caló e recolheu os elementos para a sua biografia.

As suas pregações eram apreciadíssimas: sabia adaptar-se aos diversos géneros de ouvintes. Tinha uma arte especial para prender as crianças.

A sua clarividência manifestava-se, sobretudo, no seu espírito de organizador. Formador de mestres, dava-lhes conferências pedagógicas todas as semanas, obrigando-os, nas férias dos distintos períodos, escrever pormenorizadamente o plano que devia ser desenvolvido no trimestre. As reuniões preparava-as cuidadosamente. Os livros de actas são um modelo de ordem e método. Todas passavam pela sua mão. Os antigos alunos com seus cargos, seus livros de contas e crónicas, seus grupos desportivos, suas excursões, suas indústrias para ganhar fundos, suas actividades de caridade e apostolado... nada lhe era estranho. Como eram regulares e frequentadas as conferências! Era muito atraente nas reuniões de pais de família, que tanto apreciavam as suas comparações originalíssimas e persuasivas. Alguém chegou a dizer que era capaz, sozinho, de pôr em andamento todas as actividades de uma casa salesiana.

Teatro, música, banda, desportos, acampamentos, a tudo conseguia atender sem mostrar cansaço. Tinha o condão de organizar e saber dividir o trabalho e a visão de encontrar e seleccionar os elementos, que lhe respondessem à ideia planeada.

II — ALMA BELA

O canto era interpretado com o mais puro gosto.

Os altazinhos de Nossa Senhora no mês de Maio, a ornamentação da capela, o cuidado das alfaias, o esmero que punha nos mínimos pormenores denotavam uma alma delicada.

O gosto que o caracterizava procurava incuti-lo nos alunos e nos colaboradores.

Neste clima esgotante de Timor pensou que a banda seria um factor importante para formar o sentimento artístico e para alegrar a vida escolar. Pois neste campo conseguiu o que nunca sonhara se pudesse obter desta gente ainda primitiva.

Mas, a meu ver, a sua maior grandeza consistia em saber sofrer em silêncio, enco-brindo a sua dor com o seu sorriso cativante. «Os que sofrem do fígado, disse-me o Sr. Governador de Timor, mostram-se irascíveis e secos; e ele era tão meigo e alegre sempre!».

Soube dominar porque se dominava. Criou em volta de si uma auréola de simpatizantes, porque semeava alegria e bondade. Seguiu-o um cortejo de amigos, porque era meigo e dado e se sacrificava por todos. Não se lhe podia pedir um favor, sem um certo receio, pois, embora sobrecarregado de trabalho, não se negava nunca.

III — UM GRANDE CORAÇÃO

Imitou o Fundador: «latitudine cordis, quasi arena quae est in litore maris».

Carinhoso e afável com todos, era-o de modo particular com os meninos. Vivia debruçado sobre as suas misérias, que adivinhava e procurava remediar. Não podia ver ninguém com fome.

Era chamado o «Pai dos pobrezinhos externos». Não se envergonhava de ser o mendigo dos pobres. Foi talvez o desejo de que este ano não faltasse a prenda a nenhum deles que lhe fez deixar o Hospital de Díli, arrastando-se meio morto a Fuiloro. E a caridade deu-lhe forças para chegar. Mas o seu organismo já estava gasto, tanto que ouviu dos médicos o seguinte: «V.^a Rev.^a só tem pulmões e coração».

Nunca o ouvi falar mal de ninguém. E nem todas as pessoas que dele se abeiravam eram virtuosas... Sempre tinha uma desculpa para as suas faltas. Sabia renunciar às suas ideias, por melhores que lhe parecessem, por amor da paz: «Sei que não gostam, não quero contrariar».

Alma santa, que soubeste sofrer no silêncio da alma os horríveis sofrimentos de uma das mais cruéis enfermidades, descansa no Coração de Maria, de quem não te cansaste de pregar a devoção, e no Coração do bondoso Jesus, a quem não te cansaste de amar, no Sacramento e nos pobres.

BOM RELIGIOSO

Suportou com longanimidade todas as provações que o seu temperamento dinâmico, e um pouco independente, lhe depararam na vida religiosa.

Deste ano tenho que destacar a humildade profunda como pedia conselho para projectos, iniciativas, empreendimentos, aceitando, sem discussão nem mostras de desagrado, qualquer variante ou sugestão.

Era regular em todas as práticas de piedade. A Santa Missa celebrava-a com unção edificante: gestos pausados, palavras bem silabadas e devotas.

Delicadíssimo de consciência, manifestava, até ao escrúpulo, pequenas infidelidades, e orientava-se pelos conselhos recebidos.

Espírito de trabalho incansável, nunca se via desocupado. Alargava de dia para dia o seu campo de apostolado e acção.

Dado o seu cargo teve, por vezes de mostrar-se firme. Mas à firmeza aliava sempre a compreensão.

DOENÇA E ÚLTIMOS DIAS

Os primeiros sintomas da doença manifestaram-se em Junho, dissera ele. Uma azia incómoda e dores no estômago; mas não se queixava.

Em Outubro apareceram os primeiros vômitos alarmantes. No fim desse mês nem a canja retinha. Poucos dias esteve de cama.

O médico de Lospalos conferenciava frequentemente com ele. O médico militar do «Gonçalves Zarco» receitou-lhe uma dieta rigorosa e ofereceu-lhe os medicamentos adequados. Mas o mal continuava a miná-lo.

Convenci o médico assistente a enviá-lo para Díli, para estar um mês de tratamento e ser observado aos Raios X. Era nossa intenção restabelecê-lo e pô-lo em condições de tomar o avião para regressar à Metrópole. Partiu a 27 de Novembro e voltou, contra o parecer de todos, no dia 10 de Dezembro, dominado pelo desejo de preparar o Natal.

Os vômitos provocados pela viagem revelaram tratar-se de úlcera perfurada. Pediu-se ao Sr. Bispo e ao Sr. Governador que lhe fosse obtido passaporte para o primeiro

avião. Tudo estava combinado, mas o organismo já não reagia: consumia as próprias reservas, sem conseguir assimilar nada.

O Sr. Dr. Lopes levou-o para sua casa, para o tratar «com cuidados de mãe» como repetia o Padre Marvão: Levantava-se de noite repetidas vezes; preparava os alimentos; fazia todo o serviço de limpeza e higiene. O Padre Marvão estava comovido.

Nisto apareceu o sinal fatal do cancro no fígado. Levado de urgência para Díli, fez repetidas escalas. Em Baucau demorou-se três dias sob os solícitos cuidados do Dr. Remédios, cooperador salesiano. Este fez vir os operadores, civil e militar, de Díli para Baucau, mas estes acharam preferível não o operar: era tarde, teria ficado na mesa das operações.

No dia 24 de Dezembro seguiu de ambulância para Díli, onde encontrou a presença fraterna e constante dos salesianos e a assistência dedicada de vários enfermeiros. Em Lospalos dissera-me, vendo que eu o não prevenia para a morte, pois não me parecia iminente: «Estou resignado; Deus não quer; estou completamente resignado». Feita uma novena por todos os alunos, os vômitos não cessavam e sentia-se piorar.

Em Baucau recebeu os últimos Sacramentos.

No último dia, de manhã, dizia: «Há coisas que nós vamos adiando sempre para o momento da morte... mas agora vejo que nesta altura é tão difícil fazê-lo! A doença, por vezes, deixa-nos tão prostrados, que mal se tem força para rezar. É preciso não confiarmos demasiado nos derradeiros momentos! Rezem por mim, que eu nem isso consigo fazer. Ave-Marias ainda... O terço não sou capaz.»

Às 11 horas de 27 de Dezembro perdeu a fala e os sentidos. Às 18 entrava serenamente na eternidade: apenas dois leves gemidos precederam o último suspiro.

O cadáver foi trasladado para a capela da Escola Salesiana de Lahane. Ali foi velado toda a noite; de madrugada foi trasladado, por desejo de S. Ex.^a o Sr. Bispo, para a paróquia de Balide.

Às 8 horas o Sr. Governador e sua Ex.^{ma} Esposa oravam, profundamente comovidos, ante o féretro. Às 8,15 o Sr. Bispo entrava a sufragar o extinto. Rezaram-se várias Missas, estando presentes todos os Salesianos. O cadáver esteve todo o dia rodeado de fiéis. O número mais impressionante foi o dos meninos, que não o abandonaram e se apinharam agarrados ao carro que transportou os restos mortais para o cemitério.

Às 16,30 o Sr. Bispo celebrou a Missa exequial, cantando os cantos fúnebres todos os seminaristas e alunos da Escola de Catequistas de Dare.

A igreja estava cheia. Fora havia ainda amigos íntimos que frequentam pouco os Sacramentos.

O funeral foi uma procissão: povo, de todas as classes sociais, em número impressionante; todos os sacerdotes da cidade e os Padres Jesuítas do Seminário que celebraram a S. Missa por ele. Nunca se viu uma coisa assim! Oficiou o Padre Correia, em representação do Padre Provincial; seguiam o féretro, o Sr. Bispo e o Sr. Governador; logo depois os filhos deste ladeando a sua Ex.^{ma} Mãe, a qual, indo a pé desde a igreja de Balide até ao cemitério, não conseguia reter as lágrimas. Marcaram também a sua presença o Intendente, o Administrador do Concelho de Díli, o Chefe de Gabinete, o Capitão da M. P., o representante do Comando Militar. Era ao cair da tarde. Não se levavam luzes; a luz verdadeira era a sua vida exemplar e orientadora.

O seu túmulo naquela noite, era um monte de flores...

A perda é irreparável para esta missão e para a diocese de Timor. S. Ex.^a Rev.^{ma} o Prelado D. Jaime Goulart assim o manifestou aos superiores.

Conformado aos insondáveis desígnios da Providência, recomendo à vossa caridade a bela alma do pranteado Padre Marvão, pedindo a sufragueis em vossas fervidas orações. Rezaí também por este Colégio e Missão de Fuiloro e pelos salesianos de Timor e por quem se subscreve dedicadíssimo em C. J.,

P.^o AFONSO MARIA NÁCHER

Director